



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**NOS TRAÇADOS DA ESCRITA E DA CIDADE:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E CIDADE NA NARRATIVA DE O. G. REGO
DE CARVALHO**

Pedro Pio Fontineles Filho*

A opinião de O. G. Rego de Carvalho sobre a relação entre autor e obra suscita alguns questionamentos: Como discutir um literato sem antes pensar como esse autor se constitui a partir de outras dimensões de sua vida? Ainda mais, como pensar a própria existência do autor, sem levar em consideração os condicionantes de produção, circulação e consumo de seus textos, bem como os diálogos que sua escrita mantém com a de outros escritores? Os textos, em larga medida, não são uma criação com uma essência inédita. Todo texto mantém interlocução com alguma outra forma narrativa, seja ela textual, imagética, pictórica. Como destacou Michel Foucault (2008), nenhum texto é uma unidade absoluta e hermética, pois “a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea” (FOUCAULT, 2008, p. 27). Essa percepção indica que o livro, como elemento constitutivo da “obra” de um autor, está caracterizado por ser o “nó em uma rede”. Nessa rede, a obra de O. G. Rego de Carvalho está marcada, ora admitindo ora não, pelos livros, autores e ideias às quais remete. Sua obra, inclusive, faz remissões a ele mesmo e suas memórias.

* Doutorando em História Social pela UFC. Mestre e Especialista em História do Brasil pela UFPI. Professor Assistente do Curso de História da UESPI/CCM. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em História e Educação – NUPEHED. E-mail: ppio26@hotmail.com.

As obras literárias, como destaca Abel Barros Baptista (2003), estão nessa rede de intencionalidades em meio a códigos compartilhados na “inter-relação entre as partes e entre cada parte e o todo, projetando a obra contra a resposta prevista de um leitor hipotético” (BAPTISTA, 2003, p. 189). Nesse sentido, aspectos (auto) biográficos do literato são pertinentes para o vislumbre de sua escrita nos portos de intersecção de tal “rede”. Muitos elementos podem ser relevantes na compreensão do que venha a ser a obra de um indivíduo tomando sua vida como ponto de interlocução. Dessa maneira, “pode parecer especialmente difícil acreditar-se nisto quando o interesse é apenas por sua obra, e não pelo ser humano que a criou” (ELIAS, 1995, p. 10). Por esse viés, pensar a história e a intelectualidade, a partir da escrita do literato da antiga capital piauiense, é atentar para o aspecto de que a “relação do texto com o real constrói-se de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios a cada situação de escritura” (CHARTIER, 2002, p. 56). Situação tal que não se dá pelas harmonias, mas, principalmente, pelas tensões e (des) encontros de ideias e conceitos que são vinculados no seio de um campo intelectual. Há um ponto de reflexão, com chama atenção Michel Foucault (2002), ao discutir sobre a existência do autor e suas relações com a obra. O intelectual francês usa a expressão “conteúdos obscuros” para fazer uma crítica em relação ao pensamento da escrita como ausência, que, segundo ele, retomar “o princípio religioso do sentido oculto” (FOUCAULT, 2002, p. 40). Não é nesse sentido religioso que se pretende realizar uma (re) visita à vida e à escrita do literato.

A intenção é perceber as interconexões de localização social, espacial e histórica entre o escritor e seus textos. Isso contribui para o entendimento da “maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência” (FOUCAULT, 2002 p. 34). O. G. Rego de Carvalho, ao valorizar o conhecimento da vida do autor, indica suas “diferenças” e ressalvas em relação à crítica literária, que, segundo ele, não daria conta de entender o que a obra, especialmente a sua, tem de estilos, características e possíveis filiações.

AS (RE) CONSTRUÇÕES DO AUTOR

Partindo da premissa de que para compreender a obra de um autor se faz necessário adentrar em certos aspectos de sua vida, é que algumas incursões foram feitas na vida do literato piauiense. Isso não foi realizado como um trabalho que cria ou reforça

a dicotomia entre autor e obra. A proposta foi a de enveredar por suas relações com os espaços de intelectualidade e as maneiras e estilos de escrever sobre a cidade, os espaços, as relações humanas, os sentimentos, em suma, sobre a vida. Isso remete às reflexões que sinalizam que “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor” (FOUCAULT, 2002, p. 39). Buscar relações entre autor e obra é pensar nas implicações que intentam superar os extremismos de pensar a escrita por critérios unicamente internos ou externos ao texto. Para falar de sua trajetória como escritor, o literato recorre a vários momentos de sua vida, apontando algumas circunstâncias de suas experiências como escritor. Pensar a trajetória do escritor, conforme assevera Bourdieu (BOURDIEU, 2010), é levar em consideração as infinitas relações envolvidas em tal percurso, atentando para o conjunto de agentes que constituem determinado campo intelectual. Nesse sentido, analisar as (auto) biografias é ir além das descrições cronológicas das fases da vida de alguém, buscando equilibrar, como ressalta Bourdieu referendando Schopenhauer, os “entornos negligenciados” do texto, ou seja, “o que fez e foi a vida dos autores, os detalhes familiares, domésticos, pitorescos, ou mesmo grotescos e degradantes de sua existência e de seu cenário mais cotidiano” (BOURDIEU, 2010, p. 14). A pessoa retratada é mais que um panfleto, que um museu, que um documentário, que um livro. Ela é tudo isso em conjunto com as mais variadas possibilidades de sua vivência e experiências. A atenção que deve ser dada também às dimensões “degradantes” é importante para que não se faça uma análise da escrita (auto) biográfica como um escrito posto em um pedestal, sacralizado.

No momento da primeira edição desse livro, no ano de 1989, o literato já gozava, em certa medida, de reconhecimento, pois já era um escritor lido. No final da década de 1980 e início da de 1990, os seus três livros já estavam com mais de quatro edições, demonstrando que seu consumo era significativo. É desse lugar, de escritor já bastante conhecido, que fala o literato. Vale lembrar que o livro *Como e por que me escritor* foi a publicação impressa de sua palestra proferida no II Seminário de Autores Piauienses, Evento ocorrido na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, no ano de 1988, publicado no ano seguinte. A palestra assumiu o sentido de não só falar das motivações para se tornar escritor, mas “corrigir” ou “rebater” as leituras feitas sobre sua obra, das quais ele não concorda. Seguindo tal lastro, é que se destaca que as aventuras de O. G. Rego de Carvalho no universo das letras e da literatura, conforme ele mesmo, tiveram início ainda na infância. Momento que, segundo ele mesmo, já expressaria um dos seus

traços mais característicos como escritor: o tom dramático. Além disso, temas como a morte e solidão já davam seus lampejos que seriam recorrentes na sua escrita. Isso fica bem claro na seguinte fala:

Eu me lembro de que o primeiro trabalho que eu publiquei foi até um artigo de fundo sobre o descobrimento da América e terminava de uma forma que já antevia o escritor dramático que eu haveria de ser. Eu dizia assim, no fim, que Colombo, apesar de ter levado o ouro da América para o reino da Espanha, tinha morrido pobre e abandonado por todos. Essa tônica, Colombo pobre e abandonado por todos, que não deixa de ser uma forma de romantismo, já eu tinha aos 10 anos de idade, sem consciência de que ia ser escritor (CARVALHO, 1994, p. 28).

Nessas lembranças, o literato deixa transparecer outras mensagens que vão para além da superfície da narrativa e do discurso. A primeira delas é que essa sua exaltação de uma escrita “diferente” sobre a história de Colombo nada mais é do que a expressão daquilo que já era exposto nos livros e nas aulas de história. Não havia nada de “inovador” nessa sua percepção de um teor dramático que não teria sido notado anteriormente. Talvez não pela literatura, mas pela história isso já era apontado. Uma segunda mensagem é a de que sua formação cultural e sua instrução o permitiam, desde jovem, enveredar em análises sobre assuntos e eventos da história, indicando sua amplitude de conhecimentos. Outra informação é que, mesmo sendo uma criança e sem “consciência” do que se tornaria, teve a habilidade e a “genialidade” de pensar outras possibilidades da história. Essa retomada, ou melhor, essa referência à história será retomada por ele em outros momentos quando quer justificar sua forma de escrever e sua ancoragem na cidade, especialmente em Oeiras e em Teresina.

O que está em jogo, nessa ênfase feita por ele, é o esforço de demonstrar que suas marcas literárias teriam uma espécie de essência. Sua “genialidade” é ressaltada de maneira a não parecer sua auto-exaltação, pois sua carreira de escritor, segundo ele, teria sido algo que aconteceu ao acaso, por acidente. Não se pode deixar de destacar que se trata de um discurso de alguém que pretende se legitimar, ou seja, é uma escrita de si. Mencionar o acaso, como assevera Foucault, não é perder a dimensão histórica dos acontecimentos e das experiências, mas sim perceber que algo não está restrito a um sistema lógico. O. G. Rego de Carvalho afirma: “Eu sou escritor por derivação, porque eu queria realmente era ser compositor” (CARVALHO, 1994, p. 26). Mesmo dizendo que se tornou escritor “por derivação”, ele assegura que o fato de sua mãe ter sido

musicista foi importante para sua formação cultural e de escritor. Como musicista, ele diz que sua mãe tocava piano, bandolim, violão e harmônica.

Nesse percurso, O. G. Rego de Carvalho não teve suas aulas, mas deve ter observado muito as aulas que sua mãe ministrava aos rapazes e moças da cidade, bem como aos seus irmãos. Mesmo assim, ele desabava: “E eu fiquei com esse ressentimento, até hoje, de não ter aprendido música, porque eu gostaria de ter sido compositor. É essa que é a verdade” (CARVALHO, 1994, p. 26). Que verdade quer transparecer? A de um escritor magoado por não ter sido músico? Ou a de um escritor “por derivação” que conseguiu se consagrar como literato? Ambas verdades podem conviver, sendo uma ressaltada mais que a outra em diferentes momentos, dependendo dos espaços de circulação dessa “verdade”.

Contudo, mesmo sendo versões possíveis de verdade, parecem contrariar a intenção do título do livro, que traz “me fiz”, sugerindo uma formação de alguém que se constituiu como escritor. Sua carreira como escritor seria o resultado de seu esforço, de seus estudos e não a expressão de um dom. Por esse prisma, “por derivação” deixa de soar como “à revelia” e passa a significar “em decorrência de”. Nesse sentido, a sua formação como escritor não seria resultado do acaso, mas a demonstração de que há infinitas “dobras” nos sentidos da realidade. Isso pode ser percebido quando ele diz: “Com 12 anos de idade, eu queria ser escritor e comecei a escrever um conto por dia” (CARVALHO, 1994, p. 34). Como pensar em acaso, se há uma tomada de decisão e articulação de ações que coadunam para um sentido, para um projeto? Dessa maneira, tornar-se escritor foi uma constituição intencional. Sua escrita não está dissociada de suas relações familiares. Sua erudição e seu apego às tradições de uma escrita culta têm suas bases na sua história familiar. Seu estilo de escrita pautada em uma escrita normativa rendeu-lhe inúmeras críticas, rotulando-o de “refém da gramática”. Para ele, o apego a uma escrita “gramatical” seria resultado das trajetórias familiares, de seus contatos com leituras que, desde a infância, lhes eram comuns.

A linguagem não se trataria somente como um recurso estilístico ou estético em sua narrativa. A linguagem seria condição mesma de expressão de sua vida. Fazendo referências à “ambição de nobreza” (CARVALHO *apud* KRUEL, 2007, p. 324) de sua família, o escritor piauiense tenta localizar social e historicamente sua escrita. A história é retomada pelo autor como uma forma de ter no presente as raízes de um passado glorioso. Uma glória que remete a grandes periodizações da história nacional. São

indicações de um passado mais longínquo e que, para alguns críticos, não explicariam em nada sua aproximação com a erudição e com leituras diversas. Por essa razão é que ele prossegue: “Meu pai, por exemplo, era apenas comerciante, mas lia em francês e vivia a corresponder-se com um ilustre professor que morava em Simplício Mendes, Da Costa Andrade, que era amigo de Jorge Amado”. E acrescenta: “Os dois trocavam livros, discutiam obras, comentavam as novidades. De tudo isso, ficou também alguma influência” (CARVALHO *apud* KRUEL, 2007, p. 235).

Algo de interessante nessa observação sobre a capacidade intelectual de seu pai não é apenas chamar atenção para o seu contato como o “ilustre professor”, que, para ter sua importância legitimada, é mencionado como amigo de Jorge Amado. Seria uma tentativa de legitimidade por derivação e não por merecimento. O escritor busca indícios de sua genialidade por meio da genealogia. Ainda sobre essa dimensão da genialidade, O. G. Rego de Carvalho se posiciona na tentativa de distinguir um gênio de um louco (CARVALHO *apud* KRUEL, 2007, p. 31). Sua escrita está tão intimamente ligada à sua vida, às suas relações com o mundo e com os espaços de produção intelectual, que ele mesmo reconhece isso.

AUTOBIOGRAFIA E TEMPORALIDADES

Como problematizar a autobiografia como uma escrita de si? De que maneira elementos mnemônicos compõem possibilidades de compreensão das experiências de uma pessoa? Uma das saídas, que não é a mais simples ou definitiva, é tomar a autobiografia como sinalização de práticas discursivas que se instauram em meio a configurações e condicionantes sócio-históricas. As autobiografias, como memórias e como discursos, apresentam, em meio aos silenciamentos, indícios para as leituras de temporalidades e espacialidades. Há que se atentar que no universo das narrativas autobiográficas se entrecruzam “realidades”.

Tomando-se a autobiografia como estilo ou marca da narrativa de O. G. Rego de Carvalho, sobretudo em seu livro *Como e por que me fiz escritor*, é pertinente lembrar as discussões levantadas por Philippe Lejeune (2008), quando destaca a complexidade que envolve os textos autobiográficos e as biografias, de maneira geral, especialmente no que se refere às conceituações e aplicabilidades desse gênero narrativo. Ele lembra que, a priori, a autobiografia pressupõe um total compromisso e expressão da verdade e da

realidade. Contudo, tal compromisso não pode ser encarado como o alcance inquestionável da verdade em si. Mesmo a autobiografia indicando o atestado que o autor apresenta para as informações e comentários sobre si mesmo, há várias dimensões de discurso, memória, temporalidade, realidade e verdade que devem ser analisadas pelos pesquisadores no intuito de não tomar o texto autobiográfico como o fato real, como o vivido em sua apresentação verídica e imaculada.

Para Lejeune, o pacto autobiográfico se caracteriza pela identificação entre o autor, o narrador e o personagem principal, o que, no caso de O. G. Rego de Carvalho, pode ser visto, ora com mais, ora menos intensidade em seus livros, sobretudo tomando *Ulisses entre o Amor e a Morte*, que, para muitos críticos, e em certos momentos para o próprio autor, o seu livro mais “autobiográfico”. Contudo, O. G. Rego de Carvalho, em geral, não aceita os comentários que dizem que seus livros são somente autobiográficos. Vale enfatizar que, lembrando alguns elementos que, segundo Lejeune, constituem o pacto autobiográfico, nem todos estão presentes nos romances de O. G. Rego de Carvalho, especialmente ao item que fala da identificação entre autor e narrador, sendo que o narrador é protagonista, ou seja, conta a história e participa dela. Por esse aspecto, é mais pertinente dizer que o texto autobiográfico *Como e por que me fiz escritor*, muito embora não se trate de um romance propriamente dito, apresenta um conjunto de narrativas memorialísticas, bem como orientações de como “ler e interpretar” sua obra. O pacto autobiográfico em O. G. Rego de Carvalho dar-se-á na fricção dos elementos presentes nos seus romances e no seu livro de memória, *Como e por que me fiz escritor*. Nos romances estão presentes as experiências experimentadas pelos personagens, que são identificados com o autor na medida em que as memórias e a vida dele são apresentadas por ele mesmo ao se explicar como se tornou escritor.

Nesse sentido, o pacto autobiográfico surge não diretamente em seus romances, mas no momento da aproximação deles com seus outros textos, bem como em suas falas e entrevistas. A partir de tal contato entre romances e memórias é que surgem alguns aspectos da autobiografia em O. G. Rego de Carvalho, visto que esse gênero se trata de uma narrativa introspectiva, na qual a pessoa que realiza a escrita está implementando uma reflexão sobre suas experiências, desde as mais íntimas até as mais públicas. Isso não quer dizer que a “obra completa”, ou cada livro específico, seja autobiográfico, mas ela constitui indícios que ajudem a compreender traços da autobiografia. As experiências do autor são mescladas entre a sua intimidade como adolescente, algo presente em seus

três principais romances, especialmente em *Ulisses ente o Amor e a Morte*, e sua vida como escritor e suas relações com o universo da intelectualidade piauiense e nacional. O que se pretende dizer aqui, é que o pacto autobiográfico não está facilmente disposto na obra de ficção do escritor, pois, como adverte Lejeune, não é fácil conceituar a autobiografia, nem é fácil, também, propor uma fórmula ou esquema hermético para sua análise. A autobiografia se dá nos enlaces do texto, do autor, do leitor e das temporalidades que engendram tal relação. É preciso descobrir os limites em se transitar nas páginas da vida de seus romances e na ficção de suas memórias, pois nos romances podem existir – não necessariamente - inúmeros traços da memória e de sua vida, bem como nas memórias há traços de ficção, ou melhor, de seleção, pois a memória é seletiva.

Tanto em seus romances, como no livro de memórias, aparecem características importantes para o texto autobiográfico. Isso pode ser visto no enredo do romance autobiográfico que não se baseia no “curso típico e normal de uma vida, mas em momentos típicos e fundamentais de qualquer vida humana: o nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento, a organização de um destino humano, os trabalhos e as obras, a morte, etc” (BAKHTIM, 1997, 231-232). A dimensão autobiográfica, desse modo, não pode ser pensada fora das suas referências a certas características do ser humano. Características como a infância, anos de estudo, a morte estão presentes em *Ulisses entre o Amor e Morte* (1953) e em *Rio Subterrâneo* (1967), mas que são tomadas como sendo de matriz autobiográfica somente a partir das memórias e comentários feitos em *Como e por que me fiz escritor*, que, por sua vez, traz as características dos trabalhos e das obras de um romance autobiográfico. Com isso, as argumentações de Lejeune sobre a complexidade de definições e caracterizações da autobiografia se acentuam, pois tal gênero se manifesta nas redes narrativas e nas tramas da textualidade.

A escrita de O. G. Rego de Carvalho, em seus romances, flerta com a autobiografia sem a ela se entregar inocente e passivamente. As projeções de si e de sua imaginação, como ele mesmo diz em algumas de suas entrevistas e em seu livro de memórias, alimentam as possibilidades de interpretação, sem, contudo, perder de vista as suas intenções de “controle” ou autorização das leituras que são feitas sobre seus livros. Por esse diapasão, é que buscar a lógica da autobiografia como obra de arte do campo intelectual e literário, “é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela também é sintoma” (BOURDIEU, 2010, p. 13-14). Tal intencionalidade não se refere unicamente aos desejos do artista, do literato, pois há

os condicionantes presentes e atuantes do campo artístico, que, mesmo sendo criticado ou negado, ainda assim é o ponto de partida e de compreensão da obra produzida. Contudo, é mister ponderar que, mesmo mediante aos ditames sociais e da realidade, tal “realidade com a qual comparamos todas as ficções não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada” (BOURDIEU, 2010, p. 50). A realidade, como referente para a ficção, é experimentada e (re) construída, inclusive, pela própria ficção, em um sentido de referência e de criação, tendo, nessa relação, os jogos e as “regras da arte”. Por tal razão, ao escrever sua autobiografia, mesmo que diluída em seus livros, O. G. Rego de Carvalho intenta recriar a si mesmo, conduzindo, inclusive, as imagens, ideias e pensamentos que são feitos sobre ele e sobre sua escrita. Nessa dimensão de realidade e de ficção imbricadas que a dimensão autobiográfica da escrita de O. G. Rego de Carvalho se instaura. Significa dizer que a autobiografia se insere, também, nos atravessamentos de identidades e temporalidades, pois seria o ato do pensamento, em sua fase de colocar em julgamento as ações e experiências, como uma tentativa de retomada do tempo e preenchimento das lacunas deixadas. A autobiografia busca, também, certa lógica para o “caos” das vivências de uma pessoa, condicionando, dessa forma, os olhares e leituras que são feitas sobre o autor e sua obra. Limites de interpretação, ou interpretação direcionada, podem ser objetivos de autobiografias, pois organizam a vida de alguém em uma sequência narrativa.

Por tal prisma, a escrita e a narrativa de O. G. Rego de Carvalho está composta, como qualquer discurso e texto, de realidades concorrentes entre si. Realidades próximas às experiências vividas do escritor e realidades que se referem aos seus desejos. Isso é ainda mais tônico no que tange aos textos literários, especialmente os de O. G. Rego de Carvalho, que fala de seus livros como carregados de linhas autobiográficas, mas que não o são somente isso. “Muita gente lê os meus livros e pensa que tudo é autobiografia” (CARVALHO, 1994, p. 43). Questionando essa postura em relação aos seus romances, ele assim diz: “Mas eu não escrevi minha autobiografia. Eu fiz foi um romance, dando ao que escrevo uma sensação de realismo tal que o leitor tenha a impressão de estar lendo algo real, embora haja um simbolismo” (CARVALHO, 1994, p. 44). Ele faz uma defesa da literatura por ele feita, buscando enfatizar suas diferenças de um relato. Essa sua defesa, em princípio, contrariaria o seu próprio discurso, pois, ao se referir a *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), admite que se trata de um texto de um romance autobiográfico.

Isso levou os leitores, especialmente os críticos, a enquadrarem todos os seus romances como sendo autobiográficos.

Mas como a autobiografia é valorizada ou não em determinada circunstância? No instante da publicação de *Como e por que me fiz escritor*, a autobiografia, pelo menos a do literato, parecia ser importante para os críticos e intelectuais. Contudo, o literato foi o único a escrever, ou pelo menos publicar, um livro diretamente voltado para essa dimensão da autobiografia. A maioria dos leitores não tem conhecimentos mais aprofundados da vida do autor, ou ainda, muitos personagens de seus livros se assemelham tanto com sua vida, que é quase inevitável fazer associações. Para ele, “O que falta na maioria dos autores do Piauí é esta sinceridade. É esta coragem de expor as dores, os pensamentos, aquilo que está lá dentro, no abismo da nossa mente, e os nossos fantasmas”, pois “Todos nós temos fantasmas e precisamos exorcizá-los de vez em quando, expondo-os na obra de arte” (CARVALHO, 1994, p. 45). Se são dores, pensamentos, fantasmas a serem exorcizados, mais uma vez o romance do escritor não se aproxima de seu teor autobiográfico? Então por que ele não diz que sua obra autobiográfica? Admitir que seus livros são autobiográficos seria admitir sua pouca habilidade criativa, pois, no imaginário do campo artístico, o bom artista (escritor) seria aquele que busca fora de sua “realidade” os motivos de sua narrativa.

Na escrita do literato, o que atua como símbolo de purificação e de fuga do tempo é a própria linguagem. Não se trata de uma negação da existência do tempo, mas a prática de se imprimir outra forma de temporalidade. O texto que comporta múltiplos tempos é admitido por O. G. Rego de Carvalho ao falar de *Rio Subterrâneo* que se situa “por volta de 1950, com reminiscências que vão a 1940, e até mais. Foi escrito de 1962 a 64” (CARVALHO *apud* KRUEL, 2007, p. 320). A obra escrita, o texto de maneira geral, está a serviço da memória ou de qualquer ato de lembrar. Um livro, nesse sentido, detém a função de preservação, para que a memória possa se constituir e se estruturar como instrumento de captura e seleção de temporalidades, sensibilidades e experiências. O livro, portanto, nada mais é que uma manifestação da condição humana, do desejo de “imperecibilidade” e a materialidade que marca temporalidades diferentes. O livro é o resultado material dos pensamentos do autor, que se expressa, inicialmente, por meio de cada linha posta no papel.

O tempo é uma dimensão que efervesce na obra do literato, também, quando não aceita classificações e/ou enquadramentos teóricos e literários de sua obra. Instaura-se,

aí, a tendência de combate. Não o combate somente contra seus pares e críticos. É um combate que se desenrola, assim, nos limiares do tempo. O literato, por esse viés, percebe a vinculação de um escritor a uma escola literária ou a uma geração como um mecanismo que trata o tempo de forma linear. Seus livros, como ele afirma, são realizações que se opõem ao tempo linear. Essa postura “combativa” em relação ao tempo se assemelha ao combate travado por Henry Miller, que, de acordo com Daniel Rossi e Edgar Cézár Nolasco, “o empreendimento milleriano é um grande combate travado contra todas as transcendências: e a maior delas, a que nos coloca em uma ordem e possibilita a experiência: o Tempo” (ROSSI, 2010, p. 09). No entanto, o combate se dá contra o tempo linear e cronológico, sendo, então, o objetivo de Miller o “tempo livre, liso: espaço nômade de mutação”. O. G. Rego de Carvalho busca um “tempo livre” para pensar a si mesmo e a sua obra. O “todo caótico” dos livros do literato não indicam incoerência, só não há a restrição por parte de “uma ordem imutável nos assuntos humanos” (ROSSI, 2010, p. 03). *Rio Subterrâneo* (1967), por exemplo, tem sido interpretado pela crítica como sendo um livro cujos capítulos não seguem a linearidade, pois seus capítulos não seguem uma cronologia. As tentativas em propor outra sequência de leitura, ordenando-os, contrariariam, assim, a proposta de tempo livre do livro do literato. No texto literário, assim como na hagiografia, resguardando as devidas proporções e deslizamentos semânticos entre os tipos narrativos, “a individualidade conta menos que o personagem” (CERTEAU, 2011, p. 296) criado pela representação do nome artístico.

Por tal razão, mas não somente por isso, é que a História se aproxima da Literatura, ou mais especificamente, da produção intelectual. A História, no sentido mesmo da pesquisa e da prática escriturística, está circunscrita pelo lugar que define seus procedimentos. O historiador está indissociavelmente ligado a um corpo (técnico, acadêmico, institucional), não podendo produzir aquém desse corpo. De maneira análoga, a escritura nos espaços de intelectualidade só pode ser pensada e visualizada na imersão no corpo que a legitima. Quando a prática historiográfica ou literária oscila muito para “fora” desse corpo é o sinal de que ou o fazer está completamente destoante, ou a historiografia, bem como a escrita literária, precisa repensar as suas metodologias. É na aparente cisão entre o que é “permitido” e o que “proibido” pelo lugar de partida da pesquisa, da narrativa e dos discursos, que a escrita e atuação de O. G. Rego de Carvalho irrompe, vista, *a priori*, como subversão ao lugar institucional e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar a vida do escritor O. G. Rego de Carvalho é considerar que sua vida se inscreve na vida de um grupo, seja de intelectuais, seja de leitores-consumidores. Como ressalta Michel de Certeau, essa vida faz supor “que o grupo já tenha uma existência” (CERTEAU, 2011, p. 292). Nesse sentido, está na vinculação entre a imagem do escritor e o lugar que ele ocupa. A escrita de O. G. Rego de Carvalho, vista em sua inteireza entre o escrito e a atuação do escritor, dão os indícios para a visualização dos espaços de sua circulação como intelectual. Assim, “o próprio itinerário da escrita conduz à visão do lugar: *ler é ir ver*” (CERTEAU, 2011, p. 302). É na leitura dos textos produzidos pelo escritor, que se chega às tensões que tal escrita impulsionou e que dariam, de certa forma, elementos para a constituição de sua identidade como autor.

É importante pensar que O. G. Rego de Carvalho, ao repensar sua trajetória por meio da autobiografia, se coloca no seio de uma prática que está presente em outros escritores, como, por exemplo, José de Alencar e Gilberto Freyre. O primeiro escreveu *Como e porque sou romancista*, escrito em 1873 e publicado em 1893; o segundo publicou *Como e porque sou e não sou sociólogo*, em 1968. Alencar, em forma de carta, fala que o seu texto remete a “alguns pormenores dessa parte íntima de nossa existência, que geralmente fica à sombra, no regaço da família ou na reserva da amizade” (ALENCAR, 2005, p. 11). Freyre, pedindo licença aos literatos, se diz, no somatório de suas “identidades” como sociólogo e antropólogo e também como não sendo. Ele mesmo faz referência a esse tipo de texto, o autobiográfico, mencionando que isso já havia sido feito por José de Alencar e diz que, diferente do se dizer romancista, dizer-se sociólogo não era tão fácil (FREYRE, 1968, p. 41).

Mesmo afirmando que não havia lido o livro de José de Alencar, o literato fala do objetivo contido no livro: contestação da crítica. O. G. Rego de Carvalho dá destaque a esse objetivo, que ele diz ser o principal do livro de José de Alencar, para, de certa justificar o mote de sua palestra – posteriormente livro – as suas defesas em relação às críticas obre a sua obra. São essas críticas que se manifestariam em vários “usos” da literatura. Além disso, o livro autobiográfico dos três escritores sinaliza para uma prática comum ao fazer literário, é uma questão de campo, no qual a crítica é elemento de cruzamento. O. G. Rego de Carvalho tem, nos livros dos dois intelectuais, publicados anteriormente ao seu, as diretrizes de linhas argumentativas. Pela estrutura e brevidade

do texto, o literato se assemelha mais com o livro de José de Alencar. São memórias que (re) constroem a percepção do próprio sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 11.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 231-232.

BAPTISTA, Abel Barros. **Autobiografias**: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003, p. 189.

BORUDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-14.

CARVALHO, O. G. Rêgo de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 26.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Jornal O Estado. Teresina. 22, 23/02/1976. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007.

CARVALHO, O. G. Rêgo de. O. G. Rêgo de Carvalho. Entrevista concedida a Cineas Santos. Presença. Teresina. set/nov/1982. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007.

CARVALHO, O. G. Rego de. Romancista O. G. Rêgo de Carvalho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. Jornal O Estado. Teresina. 21,22/12/1975. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 10.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **O que é um autor?** 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Como e porque sou e não sociólogo**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1968.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico: de Rosseau à interent**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

ROSSI, Daniel; NOLASCO, Edgar César. **Tempo liberado? Ubiquidade temporal em Trópico de Câncer**. I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária – MOEBIUS. Dourados, MS: UFGD, 2010, p. 03.

